

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1

## O NÃO PERTENCIMENTO EM QUESTÃO NOS ENSAIOS DE HERTA MÜLLER: EXÍLIO, LINGUAGEM E ESCRITA DA HISTÓRIA EM QUESTÃO

MANUEL BATISTA DE SÁ FILHO<sup>1</sup>  
manuelbdsf@hotmail.com

### Introdução

Nascida na Romênia no vilarejo de minoria alemã de Nitzkydorf em 1953, Herta Müller se viu interpelada, desde a infância, pelos desígnios do que ela denomina a “grande história”, a saber a influência exercida pelo mundo político na vida dos cidadãos comuns (MÜLLER, 2019). Seu pai, Josef, fora um soldado da Waffen-SS e nunca falou sobre o tempo passado no front após voltar para casa. Já sua mãe, Katharina, foi deportada para um campo de trabalhos forçados situado na atual Ucrânia em 1945 e de lá só retornou cinco anos depois. Os avós da escritora também foram interpelados pelas mudanças históricas ocorridas com a instauração de um governo pró-soviético em solo romeno. Entre as medidas que afetaram diretamente os avós de Müller, destaca-se a expropriação das terras agrícolas, promovida a partir de 1945. Ambos tiveram que abandonar as terras que possuíam e lidar tanto com a perda da propriedade quanto com o desgaste emocional advindo do processo. (MÜLLER, 2013)

Ao crescer em uma comunidade marcada pelos traumas do passado não debatidos publicamente, Müller teve seu “encontro” com a “grande história” ao se mudar para a cidade de Timisoara aos 15 anos, onde terminou os estudos secundários e cursou a faculdade de Letras, período no qual entrou em contato com escritores do Aktionsgruppe Banat (Grupo de Ação Banato), que se opunham ao regime de Nicolau Ceausescu. Graças à associação com escritores críticos ao governo e sua recusa em colaborar com a Securitate, Müller foi alvo de perseguições por parte de informantes da Polícia Secreta<sup>2</sup>. Vivendo em um ambiente caracterizado pelo “terror psicológico” (HÎNCU, 2013), ela

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e professor na rede municipal de Uberlândia. Este artigo é uma versão do terceiro capítulo da minha dissertação, intitulada “Entre a escrita da história e a literatura nos ensaios de Herta Müller”, defendida em 2020 no PPGHI da UFU.

<sup>2</sup> A Polícia Secreta romena, Securitate, foi fundada em 1948 e extinta em 1991. Durante o regime de Ceausescu, contava com 11 mil agentes e milhares de informantes. Foi responsável por espionar, prender, torturar e matar civis considerados subversivos.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

obtem uma licença para deixar o país em 1987, momento em que se exila na Alemanha com o então marido, o escritor Richard Wagner e a mãe.

Como assinala Müller, durante sua vida adulta ela se viu confrontada com o “cruzamento da história individual com a história em grande escala” (MÜLLER, 2019), encontrando na literatura uma maneira de lidar com as feridas do passado que ainda reverberam no presente. Os ensaios das coletâneas *O rei se inclina e mata* e *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio* apresentam aos leitores a junção de duas inquietações que perpassam a escrita mülleriana: de um lado, temos o relato de diferentes momentos da vida da autora em uma mistura entre eventos ocorridos durante a ditadura e o presente na Alemanha. Do outro, uma discussão sobre como relatar tais acontecimentos, já que Müller questiona a possibilidade de representarmos o passado “tal qual ele foi”. Ao longo dos ensaios, a autora nos relembra o caráter de ficcionalização presente em sua escrita: segundo ela, uma aproximação com o passado só é possível através de um trabalho criativo e meticuloso com as palavras, sendo imperioso não deixarmos o passado tombar “numa frase ruim” (MÜLLER, 2013) para que as injustiças ocorridas no passado não se repitam.

De acordo com a crítica literária Rosvitha Friesen Blume, os ensaios müllerianos possuem um “acentuado cunho “narrativo, literarizado e ficcionalizado, fragmentário e subjetivo; (...) o ensaísmo de Müller é autobiográfico” (BLUME, 2013). Para Müller, de acordo com Blume, “vida e escritura se fundem de maneira indissolúvel em toda a sua obra” (BLUME, 2013), com uma sendo o combustível necessário para que a outra aconteça. Neste sentido, tenho o exílio e a sensação permanente de não pertencimento vivenciadas por Müller como problemática central, com o intuito de discutir como a autora reflete sobre a temática em seus textos ensaísticos.

Selecionei três ensaios para conduzir a discussão. O primeiro, intitulado “Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio”, encontra-se incluso na coletânea de título homônimo. Nele, Müller descreve seu processo de chegada na Alemanha Ocidental e aponta como muitas das práticas ocorridas em solo alemão lhe relembram eventos ocorridos em seu país natal.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

Nos outros dois ensaios, intitulados “Em cada língua estão fincados outros olhos” e “Aqui na Alemanha” incluídos em *O rei se inclina e mata*, a escritora destaca que a narração de eventos passados envolve um delicado trabalho com a linguagem, encarada como um importante agente político, capaz de reproduzir ou colocar em xeque noções preconceituosas contra o outro. Nesses dois textos, a autora também questiona a própria possibilidade de pertencer a lugares, em especial a países que empregam a linguagem como instrumento para justificar ações autoritárias contra seus cidadãos.

Para finalizar, buscarei, partindo das reflexões da autora, realizar algumas considerações sobre a escrita das narrativas historiográficas. Acredito que a escrita mülleriana, caracterizada por refletir sobre a importância de um emprego cuidadoso da linguagem ao narrar acontecimentos do passado, pode auxiliar-nos a pensar sobre a escrita da história. Ressaltarei a importância de estarmos atentos ao emprego que fazemos da linguagem e a pertinência de não simplificarmos as experiências dos sujeitos e grupos que compõem nossos relatos.

Assim como os literatos, os historiadores também possuem na linguagem uma ferramenta para elaborar suas críticas a práticas autoritárias que se perpetuam ao longo do tempo. Guiadas pelo desejo de compreensão do outro, as narrativas produzidas na academia podem auxiliar na construção de uma sociedade mais democrática e justa, capaz de lidar com as feridas provocadas pela “grande história” na vida dos personagens que estudamos.

## **“Mas é sempre a mesma neve”: a chegada na Alemanha Ocidental e a “neve de ontem”**

No ensaio “Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio”, Müller descreve em uma linguagem altamente poética seu processo de emigração. No trecho a seguir, a escritora detalha a viagem de saída da Romênia:

Minha mãe e eu saímos com um caminhão às quatro da manhã, carregando a caixa de emigração. O caminho até o posto da alfândega era de cinco, seis horas. Estávamos sentadas na caçamba, no chão, protegidas do vento pela caixa. A noite estava gélida, a Lua balançava na vertical, os globos oculares se tornavam duros como frutas congeladas na testa por causa do frio. Piscar doía como se o gelo fino da geada tivesse caído nos olhos. Primeiro a Lua balançava estreita e um pouco curvada; mais tarde, quando ficou ainda mais frio, ela começou a espetar, tinha cantos lapidados. A noite não era preta, mas

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

transparente, porque a noite se comportava como um reflexo na luz do dia. Nessa viagem, estava frio demais para conversar. Não queríamos ficar abrindo a boca o tempo todo porque o palato congelaria. Eu não queria dar um pio. (MÜLLER, 2012, p. 98-9)

A caixa a que Müller faz referência no início da citação é a bagagem levada no percurso em direção à alfândega, que deveria conter, no máximo, “setenta quilos de bagagem por pessoa.” (MÜLLER, 2012, p.98), de acordo com as prescrições estatais. O silêncio durante a viagem é interrompido por uma frase da mãe, que se recorda da deportação, ocorrida em janeiro de 1945: “Mas era preciso, sim, conversar, porque minha mãe disse-talvez apenas para si, mas sem querer- em voz alta: “Mas é sempre a mesma neve.” (MÜLLER, 2012, p.99)

Para Katharina Müller, a emigração se associa a um acontecimento de sua história pessoal envolto em constrangimentos: os cinco anos de sua vida desperdiçados nos campos de trabalhos forçados. Na sequência do texto, a escritora aponta que, segundo a mãe, a neve é traiçoeira e fora a responsável por sua captura pelos soldados soviéticos: ao sair do esconderijo, situado em um buraco no jardim do vizinho, as pegadas na neve a denunciaram. Em 1987, confrontada com uma nova situação de deslocamento, a saída da Romênia simboliza a repetição do abandono forçado de seu país natal: a neve que caíra em 1945 é a mesma que cai em 1987, indicando que a deportação, assunto sobre o qual Katharina silenciava a maior parte do tempo, precisava ser discutido entre os seus familiares.

Por sua vez, para Müller, o exílio representava uma tentativa de não perder a razão diante dos abusos cometidos contra ela e seus amigos durante a ditadura:

Depois de anos de humilhação, eu queria sair desse país. (...) Naquela época, minha cabeça não estava longe de perder a razão. Eu estava tão quebrada, meus nervos se arvoravam contra mim, o medo que eu sentia saía da minha pele e escorria em todos os objetos com os quais eu lidava. E eles lidavam imediatamente comigo. Quando olhamos um pouquinho assim para fora dos limites, quando manobramos mentalmente alguns milímetros entre o abstruso e o normal, quando nos observamos fazendo isso, então chegamos ao ponto mais extremo da normalidade. Nessa hora, não é possível acrescentar muito mais. Nessa hora, queremos cuidar bem de nós mesmos, tentamos separar o pensar de sentir. Continuamos querendo manter tudo na cabeça, como estamos acostumados, mas nada mais no coração. (MÜLLER, 2012, p.104)

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

Segundo a autora, a principal justificativa para emigrar era a contínua perseguição estatal a que ela fora submetida, notadamente nos anos seguintes ao fechamento do Grupo de Ação Banato em 1975. Para Müller, os anos de humilhação e a necessidade de se distanciar de um país que quase a matou tornavam prementes a emigração, mesmo que sua mãe desejasse permanecer na Romênia.

Em 1982, Müller publica seu primeiro livro, a coletânea de contos *Depressões*, em uma versão censurada pelo governo romeno. O lançamento desta obra na Alemanha Ocidental em 1984 foi marcado por uma recepção entusiasmada que, de acordo com Adela-Gabriela Hîncu, se deveu, entre outros fatores, ao “exotismo” dos temas abordados nos contos, dando a oportunidade aos críticos literários de explorar as condições de vida das minorias alemãs por meio da obra. Além disso, os contos dialogavam com uma tradição já estabelecida na literatura alemã, ligada ao questionamento dos valores idealizados de uma vida campestre, facilitando sua recepção por parte dos críticos (HÎNCU,2013).

A boa recepção de *Depressões* levou a escritora a viajar quatro vezes para o exterior, oportunidades nas quais criticou duramente o governo de Ceausescu. Dadas as suas intervenções no cenário cultural alemão contrárias ao governo e as críticas feitas por ela ao conjunto dos intelectuais romenos, que não se engajavam em denunciar os abusos do regime comunista, a emigração torna-se uma alternativa. As medidas de repressão adotadas pelo regime e a saída do país de outros escritores pertencentes à minoria alemã levaram Müller a pleitear uma permissão para emigrar em 1985, concedida dois anos depois pelo governo.

Ao não conseguir conter as críticas realizadas por Müller, a solução adotada pelo governo romeno foi a concessão dos documentos necessários para que a escritora saísse do país: dessa forma, o regime silenciava as críticas internamente enquanto realizava uma campanha de difamação no exterior por meio de agentes infiltrados em instituições que promoviam a cultura romena na Alemanha. No caso de Müller, essa campanha envolvia a criação de boatos envolvendo a participação da autora enquanto agente da Securitate. Tal tática, na visão dos espões da Polícia Secreta, a prejudicaria duplamente, pois ela

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

seria encarada como aproveitadora do regime na Romênia e com suspeição por parte daqueles com quem travava contato nas viagens para a Alemanha. (HÎNCU,2013)

Se a viagem que a levaria para fora de seu país ocorreu em meio às dificuldades emocionais de lidar com as perseguições sofridas durante a ditadura, a chegada na Alemanha não representou a acolhida esperada: ao se instalar no asilo temporário situado na cidade de Nuremberg, as autoridades alemãs não sabiam como proceder diante da reivindicação apresentada pela escritora: o de ser aceita na República Federal da Alemanha como refugiada política graças às perseguições sofridas na Romênia.

Para os agentes responsáveis por analisar os documentos de emigração, Müller deveria se encaixar nos preceitos do denominado Aussiedler, termo utilizado entre 1957 e 1992 pelo governo alemão para se referir aos emigrantes étnicos que, nascidos sob herança germânica e vindos da ex-URSS, ou até 1992, de países da Europa Central ou Oriental, preenchem algumas condições legais, incluindo um teste de proficiência em língua alemã. Este status garantia aos emigrantes: cidadania alemã e participação em programas governamentais de assistência. O Aussiedler deveria conseguir comprovar sua pertença ao mundo cultural alemão, mesmo que isso significasse a colaboração de algum familiar com o Exército nazista, caso do pai da escritora. (GLAJAR,1997)

Como destaca Müller ao longo do ensaio, os chamados verificadores adotavam os mesmos procedimentos aos quais ela fora submetida pelos agentes da Polícia Secreta romena. Entre eles, destacam-se os infundáveis interrogatórios sobre os motivos de sua saída da Romênia e a suspeição de que ela fora uma agente da Securitate. Após passar por um teste de proficiência em língua alemã, as autoridades insistiam em lhe questionar se ela era refugiada política ou alemã, posto que não havia formulário para as duas coisas. Ao passo que os oficiais procuravam algum detalhe que comprovasse a pertença de Müller ao mundo cultural germânico (o que lhe garantiria a cidadania), a escritora desejava discutir os maus feitos praticados sob o regime de Ceausescu.

Dado o desinteresse das autoridades em discutir o passado na Romênia e a desconfiança de que ela fora uma agente da Securitate, ao ter sua pertença ao mundo cultural alemão comprovada, Müller recebe a carteira de identidade alemã, mas o pedido

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

de nacionalização permaneceu pendente. A situação foi resolvida somente um ano e meio depois, quando as autoridades lhe garantiram a nacionalidade alemã.

Ao narrar os interrogatórios a que era submetida no asilo temporário, a escritora comenta o desdém com que um dos verificadores tratou seu passado. O agente instava Müller a assumir seu papel como espiã da Securitate. Para ele, o regime de Ceausescu era “neve de ontem”, ou seja, águas passadas que não possuíam mais importância após a mudança de país. Dessa forma, ela poderia assumir sem receios de que trabalhara como agente da Polícia Secreta, o que para Müller era intolerável:

Eu já não gostava da expressão “neve de ontem” antes, porque ela não quer mais conhecer aquilo que era ontem. Agora sinto muito claramente o que não suporto nessa expressão com a neve de ontem: não suporto a maneira maldosa como uma metáfora ganha espaço, como mostra desdém. Como essa expressão deve ser insegura, porque se coloca de maneira tão impositiva, tão arrogante. Afinal, temos de inferir da expressão que a neve de ontem certamente foi importante, senão não seria preciso falar sobre ela, se livrar dela. Não disse ao verificador o que se passava pela minha cabeça. (MÜLLER, 2012, p.106)

Para Müller, a metáfora “neve de ontem” era desrespeitosa, já que seu passado na Romênia não poderia ser apagado com a simples mudança de país. Segundo Müller, falar sobre a “neve de ontem” era necessário, posto que os acontecimentos de seu passado continuam a ressoar no presente. Na visão mülleriana, não é possível desconsiderar o passado na Romênia após emigrar, visto que os maus feitos ocorridos na ditadura não foram devidamente discutidos e solucionados tanto na esfera pessoal quanto pública.

Ao longo do ensaio, a palavra neve é utilizada para compor tanto metáforas e frases, como as já citada “neve de ontem” e “é sempre a mesma neve”, quanto a formação de neologismos, como “traição da neve [SCHNEEVERRAT]” (MÜLLER, 2012, p.100), que resumiria a experiência de deportação vivenciada pela mãe em 1945. Segundo Müller, a utilização criativa das palavras é um aspecto fundamental das análises sobre diferentes momentos de sua trajetória. Palavras inventadas, como traição da neve “permitem muitas comparações, porque não foi feita nenhuma. Palavras como essas saltam da frase como se fossem de um outro material. Para mim, esse material se chama: o truque com a língua”. (MÜLLER, 2012, p.100-1). Tal “truque” envolve a desconfiança sobre a capacidade de representarmos com exatidão os eventos através da linguagem: segundo Müller, escrever sobre o passado na Romênia e o exílio em solo alemão é

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8

possível apenas através de um uso inesperado das palavras, já que “quando queremos ser precisos na descrição, devemos encontrar algo na frase que seja totalmente diferente para conseguirmos ser exatos.” (MÜLLER,2012, p.95)

Como assinala a escritora, a chegada na Alemanha Ocidental não representou o acolhimento desejado, visto a desconfiança com que ela foi recebida pelas autoridades do asilo temporário. O sentimento de não pertencimento, que já compunha o cotidiano da autora em seu país natal, é uma sensação permanente ao emigrar. Nos textos da autora, a discussão sobre as dificuldades de integração na Alemanha liga-se à importância de narrar os acontecimentos do passado por meio de um uso cuidadoso e inventivo da linguagem, que seja capaz de irritar os perpetradores de ações de cunho excludente. Müller desenvolve tais assuntos em profundidade nos outros dois ensaios selecionados para compor este artigo. Vamos a eles.

## **2 A língua não é um terreno apolítico: o uso cuidadoso da linguagem e o não pertencimento em questão**

A inquietação no tocante à elaboração de suas experiências por meio de um manuseio cuidadoso da linguagem é um dos fios condutores do ensaio “Em cada língua estão fincados outros olhos”. Nele, Müller discute a importância de enxergarmos a língua como um agente político, capaz de interferir na percepção que temos da sociedade em que nos encontramos inseridos.

Além disso ao longo do ensaio, a escritora assinala que a confiança que os indivíduos possuem em sua língua materna, um dos principais elementos que compõe a identidade nacional das nações modernas, pode ser seriamente abalada diante dos abusos governamentais. Para a escritora, considerarmos a língua como um dos elementos do sentimento de pertencimento a uma nação não é uma associação evidente, especialmente se pensarmos nos deslocamentos geográficos ocorridos no decurso do século XX:

Muitos escritores alemães imaginam que a língua materna poderia substituir qualquer coisa, caso fosse necessário. Embora nunca tenham tido a necessidade, dizem: LÍNGUA É PÁTRIA. Autores cuja pátria está à sua disposição imediata, a quem não acontece nada que ameace suas vidas, me irritam com essa afirmação. (...) Pessoas cuja pátria os deixa ir e vir à vontade

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

não deveriam abusar dessa frase. Elas têm chão seguro sob os pés. Vindo de suas bocas a frase oculta todas as perdas dos fugitivos. Ela sugere que os emigrantes poderiam abstrair-se do colapso de sua existência, da solidão e da autoevidência para sempre quebrada, já que a língua materna no cérebro, enquanto pátria a tiracolo, pode compensar tudo. Não se pode, é-se obrigado a levar sua língua materna. Só se a pessoa estivesse morta não a teria consigo-mas o que isso tem a ver com pátria? (MÜLLER,2013, p.29-30)

De acordo com Müller, os indivíduos que tiveram de se deslocar por causa da perseguição estatal se encontram em uma terra desconhecida, sem o chão seguro sob seus pés após a mudança de país. Para ela, os emigrantes não podem compensar o sentimento de não pertencimento ao seu país de origem recorrendo à língua materna, visto que ambos não representam para esses indivíduos um refúgio.

Müller destaca que o sentimento de pertencer a uma nação pode ser abalado graças à perseguição política e um uso inadequado da linguagem por parte dos governantes, ao se apropriarem do idioma para naturalizar a violência. A desconfiança de Müller em relação a uma associação direta entre língua e pertencimento nacional é um dos pontos que compõe, segundo o crítico literário Thomas Cooper (2009), uma das especificidades do exílio na obra da escritora. Para o estudioso, Müller não apresenta aos leitores o modelo clássico de exílio presente na literatura europeia, que repousa na associação direta entre pátria e língua, consideradas como essências do sujeito. Nesse modelo, o exílio marcaria uma perda irreparável na vida dos indivíduos, que teriam na língua materna uma fonte de inspiração para a criação de narrativas glorificadoras da nação perdida.

No texto “Em cada língua estão fincados outros olhos”, Müller não idealiza a relação entre língua e pátria, dado o grau de violência a que foi submetida em seu país natal, encarando o exílio e o sentimento de não pertencimento como uma oportunidade para tráfegar entre culturas, em uma contínua negociação entre passado e presente. Ao continuar a escrever em alemão após a mudança de país, Müller aponta como o idioma é empregado para justificar opressões tanto na Romênia socialista quanto na Alemanha capitalista.

Primeiramente “estrangeira” em seu país de origem, ao discordar do saudosismo em relação ao passado nazista do vilarejo e se opor ao regime de Ceausescu, Müller assinala que nem o alemão (sua língua materna) e nem o romeno (língua aprendida aos 15 anos na escola) lhe permitiram se sentir parte do país onde nascera. Ao se mudar para

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

10

a Alemanha, a sensação de deslocamento permanece. Como indica Cooper (2009), o sentimento de não pertencimento e o exílio aparecem nos textos müllerianos como uma possibilidade de analisar como os sentidos são negociados através da linguagem e as maneiras pelas quais as experiências do passado ainda influenciam o presente dos indivíduos.

Na sequência do ensaio “Em cada língua estão fincados outros olhos”, Müller detalha sua relação pessoal com a Romênia, a chegada na Alemanha e como a linguagem é utilizada nos dois países de maneira irrefletida, o que a fez duvidar da possibilidade de pertencer a algum desses lugares. Para ela, a pátria romena era “absorvida” por dois grupos que celebravam tradições preconceituosas:

Eu não gosto da palavra “pátria”: na Romênia ela era absorvida por dois grupos de donos da pátria. O primeiro eram os suábios, senhores da polca e especialistas em virtudes dos vilarejos; o outro, os sabujos e lacaios da ditadura. Pátria do vilarejo enquanto germanismo glorificante e pátria do Estado enquanto obediência acrítica e medo cego da repressão. Ambos os conceitos de pátria eram provincianos, xenófobos e arrogantes. Eles farejavam a traição em todo lugar. Ambos necessitavam de inimigos, julgavam de modo rancoroso, generalizante e inamovível. Ambos se consideravam importantes demais para rever um julgamento incorreto. Ambos se serviam da tortura a pessoas próximas de seus perseguidos. (MÜLLER, 2013, p.30-1)

Müller se sente deslocada tanto no vilarejo onde nasceu, com suas tradições que glorificavam o passado nazista quanto na cidade, cujos habitantes se encontram marcados pelo medo e obediência irrefletida aos preceitos da ditadura. De acordo com a autora, os dois grupos empregavam a linguagem para produzir inimigos e perpetuar a violência contra aqueles que não seguiam os rígidos preceitos que guiavam a Romênia comunista.

Müller nos apresenta ao longo do ensaio diversas comparações no tocante ao uso da linguagem tanto na Romênia quanto na Alemanha, apontando que os idiomas romeno e alemão eram empregados em diferentes contextos para perpetuar e justificar a violência contra determinados grupos sociais: na Romênia, as piadas contra o regime socialista adotavam por muitas vezes tons abertamente racistas e xenófobos. Já na Alemanha, os cartazes de propaganda que coloriam as ruas representavam a violência sem maiores questionamentos.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

Segundo a escritora, a língua não pode ser usada de modo descuidado, já que por meio dela podemos reforçar ações que desrespeitam as liberdades individuais e justificam agressões. Em outro trecho do ensaio, Müller sintetiza suas considerações sobre a importância de estarmos sempre atentos ao emprego que fazemos da linguagem:

A língua nunca foi e nunca é, em tempo algum, um terreno apolítico, pois ela não pode ser separada daquilo que uma pessoa faz com a outra. Ela sempre vive no caso específico, cada vez é preciso estar à espreita para arrancar-lhe o seu intento. Nessa indissociabilidade da ação ela se torna legítima ou inaceitável, bonita ou feia, também se pode dizer: boa ou má. (MÜLLER, 2013, p.40)

Para Müller, a linguagem é uma arena política, que pode tanto perpetuar a violência quanto auxiliar-nos a duvidar das justificativas dadas pelos governantes para promover a exclusão social contra certos grupos. Ao abordar a temática do exílio em seus ensaios, a escritora ressalta o papel fundamental que a língua possui na vida dos sujeitos migrantes, já que é por meio dela que podemos negociar os sentidos e o pertencimento entre diferentes sociedades.

Não se sentindo em casa nem em seu país natal e nem na Alemanha, a escritora acaba por valorizar o trânsito entre culturas: ao chegar no novo país, suas experiências vividas sob a ditadura são o ponto de partida que ela possui para estabelecer comparações entre passado e presente. No próximo subtítulo, discutirei este ponto com maior detalhe, apontando como a escritora aborda a negociação de sentidos ao trafegar entre diferentes países e culturas.

### **3 A negociação de sentidos na Alemanha e a “escrita-entre-mundos”**

As dificuldades de compreensão no cotidiano após se instalar na Alemanha e a continuada negociação pelo pertencimento no novo país estão os temas principais do ensaio “Aqui na Alemanha”. Ao longo deste ensaio, Müller aponta que os impasses em sua vida pessoal e profissional eram usuais e apresenta aos leitores diversos exemplos que evidenciam a incompreensão nos momentos em que era necessário estabelecer um diálogo com os alemães. Recorrentes eram as correções por parte dos comerciantes, que destacavam os “erros” de pronúncia cometidos pela escritora. (MÜLLER, 2013)

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

12

Mesmo entendendo sem dificuldades todas as palavras que lhe eram dirigidas, Müller enfatiza que questionavam com frequência se ela era estrangeira, provocando diversos mal-entendidos.<sup>3</sup> Outro exemplo de incompreensão no cotidiano na Alemanha envolvia diretamente o passado na Romênia, dado que muitos não acreditavam na extensão dos horrores perpetrados pelo regime socialista, encarando como exagerados os relatos da autora a respeito do período.

Segundo Valentina Glajar, em seus textos, Müller apresenta aos leitores a negociação de seu pertencimento ao narrar o sentimento de não pertencimento na Romênia e a continuidade dessa sensação ao chegar na Alemanha. Com a emigração, o passado “não era um capítulo fechado para Müller. O país [a Romênia] havia ficado para trás fisicamente na fronteira quando ela emigrou, mas persistia através das memórias, percepções, hábitos e a língua que Müller trouxe para o novo país.” (GLAJAR, 1997, p.536)<sup>4</sup>

De acordo com Glajar (1997), os migrantes de minoria alemã atravessavam um duplo processo de negociação identitária, posto que era necessário lidar com as pesadas lembranças do passado sob a ditadura e se ajustar à realidade social existente no Ocidente. Para Müller, tais dificuldades se encontram expressas em vários momentos: além das dificuldades de compreensão no dia a dia, ela destaca o papel da crítica literária alemã, que desejava ler narrativas com personagens situados no novo país, encarando sua insistência em abordar temas ligados à ditadura romena como um sinal de estagnação artística.

O desejo de não discutir o passado dos migrantes também se estendia aos políticos alemães que, segundo Müller, insistiam na integração dos recém-chegados sem estimular a discussão pública de temas delicados, como as consequências decorrentes do fim das ditaduras socialistas do Leste Europeu. Para a escritora, no entanto, esquecer suas

---

<sup>3</sup> Como destaca Rosvitha Friesen Blume (2014), o alemão que Muller trouxe consigo da Romênia contém importantes diferenças em relação ao falado na Alemanha, especialmente no tocante ao sotaque e pronúncia. Termos e expressões utilizados por Müller eram encarados como antiquados e estranhos pelas pessoas com quem ela tratava contato no novo país.

<sup>4</sup> “was not a closed chapter for Müller. The country physically ended at the border when she emigrated to Germany, but it lived on through memories, perceptions, habits and the language that Müller brought along to the new country .” (no original, tradução minha)

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

13

experiências sob a ditadura não é possível, dadas as dificuldades envolvidas em guardar o passado na Romênia numa caixa e colocá-lo de lado:

Quanto mais olhos eu tenho para a Alemanha, mais o atual se conecta com o passado. (...) Da Romênia eu me livre há muito tempo. Mas não do abandono programático das pessoas na ditadura, não dos efeitos de todo tipo que lampejam a toda hora. Ainda que os alemães orientais não digam mais nada a respeito e que os alemães ocidentais não queiram mais ouvir falar disso, esse tema não me deixa em paz. Ao escrever, tenho de me manter ali onde estou mais ferida interiormente, senão é claro que não precisaria escrever. (MÜLLER, 2013, p.198)

Assim, ao falar sobre suas experiências na Alemanha, marcadas pelas diversas dificuldades de adaptação e um permanente deslocamento, Müller acaba por estabelecer diversas comparações entre passado e presente. Em seus textos, a escritora assinala que a indiferença em relação aos maus feitos cometidos na ditadura, atitude recorrente entre seus compatriotas, também ocorre em solo alemão. Para Müller, esquecer o passado não é possível: segundo ela, escrever envolve estabelecer análises nas quais presente e passado se conectam, visto que muitas das práticas existentes em seu país de origem também acontecem na Alemanha.

Conforme Miriam Inês Wecker, as narrativas müllerianas enfocam o complexo trânsito entre culturas e o estabelecimento de diversas comparações entre presente e passado. A escrita mülleriana se desenvolve “entre-mundos”<sup>5</sup>, ou seja, é uma literatura sem morada fixa, que possui no deslocamento uma de suas principais características. Ao ter uma escrita situada “entre-mundos”, a obra mülleriana nos apresenta “um constante ir e vir entre local e tempo, sociedades e culturas” (WECKER, 2018, p.18), no qual a negociação de sentidos e do pertencimento é uma constante. Tal movimento perpassa um processo de tradução contínuo, ou seja, de buscar compreender como diferentes sociedades encaram a realidade social, apontando que as fronteiras geográficas e linguísticas são porosas.

A partir de tais apontamentos, buscarei no próximo tópico refletir sobre algumas possíveis aproximações entre as inquietações müllerianas e as existentes na elaboração

---

<sup>5</sup> O termo “escrita-entre-mundos” é cunhado pelo germanista Ottmar Von Ette, estudioso da obra mülleriana, e utilizado por Wecker para discutir como a literatura contemporânea em língua alemã tem no deslocamento uma importante característica.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

14

das narrativas historiográficas, marcadas, assim como a literatura, pela presença da escrita e o uso cuidadoso da linguagem. Tais ferramentas, nos assinala Müller, podem ser empregadas tanto para questionar os abusos do poder estatal quanto para abraçar a multiplicidade e fragmentação que compõem a existência dos sujeitos na contemporaneidade. Enquanto historiadores, como as considerações da escritora podem nos ajudar a refletir sobre a escrita de nossas pesquisas?

## **4 Algumas considerações sobre a escrita da história a partir dos ensaios müllerianos**

Como destaca Durval Muniz de Albuquerque Júnior, ao termos como o foco dos nossos trabalhos acadêmicos indivíduos que se deslocam geograficamente, cabe considerar a singularidade desses sujeitos quando escrevemos a seu respeito. Referindo-se ao migrante, o historiador aponta que essa figura

Não é uma unidade, uma totalidade. Assim como a sua vida é errante e aberta, ele, enquanto sujeito, é também um sujeito aberto, atravessado por diferentes fluxos sociais. Ele não consegue totalizar as experiências que passam por ele mesmo, que o atravessam. Ele é um entroncamento em que diferentes estradas, diferentes séries históricas vêm encontrar-se e, ao mesmo tempo, vêm separar-se. Ele não é só ponto de partida, nem só ponto de chegada, ele é travessia, é transversalidade.

Esse sujeito segmentado e nômade é, dificilmente, aprisionado por grades conceituais com perspectivas totalizadoras. Ele foge, ele escapa, ele cruza fronteiras, ele muda de lugar, ele se desloca, ele se movimenta deixando atrás de si rastros, sinais que, às vezes, convergem para o mesmo lugar, mas que, às vezes, divergem, tornam-se excêntricos, diferenciam-se e singularizam-se, afastando-se do mesmo lugar, do todo, da unidade. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.248)

Sujeitos que trafegam entre diferentes sociedades são atravessados por diversos pontos de vista e maneiras de enxergar a realidade social, em um constante movimento de ir e vir entre diferentes espaços. Ao trabalharmos com esses indivíduos, somos convidados a não amarrar suas experiências em conceitos homogeneizantes, que desconsiderem os deslocamentos que compõem sua existência. Além disso, como assinala Albuquerque Júnior, ao estudarmos as experiências dos migrantes, também somos instados a levar em consideração os aspectos artísticos contidos em nossos escritos. Entre esses aspectos, podemos citar a importância de sermos cuidadosos com a linguagem utilizada ao longo de nossas narrativas.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

15

Como assinala Müller, a linguagem é empregada para construir a unidade nacional, mas também pode ser usada para questionar os abusos do poder. Para ela, a língua não é boa nem má, mas se constitui em um agente político que deve ser avaliado a partir de seus usos concretos por parte dos sujeitos. Dessa forma, nossas pesquisas, ao também se preocuparem com o emprego que fazemos da língua, podem estimular uma “abertura para a construção do novo, para o respeito ao diferente. Uma história que quer saltar da estação do repetitivo, que busca novos rumos, que não quer simplificar, mas complicar o real.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.254)

No caso de Müller, o questionamento da possibilidade de pertencermos a determinada nação envolve uma discussão sobre como a linguagem é empregada para legitimar opressões contra certos grupos sociais. Como ela afirma no ensaio “Em cada língua estão fincados outros olhos”, a palavra pátria não lhe agrada, posto que o sentimento de se sentir parte de uma nação envolve um emprego da língua que exclui aqueles que não se conformam aos preceitos governamentais. (MÜLLER, 2013)

Em seus textos, a autora discute como o desejo de construção de uma unidade nacional socialista levado a cabo pelo regime de Ceausescu desconsiderou a possibilidade de críticas por parte daqueles que não concordavam com os abusos cometidos.<sup>6</sup> A mesma situação se repete na Alemanha que, de acordo com Müller, almejava a assimilação e não propunha a discussão de aspectos delicados da vida dos migrantes, como o passado sob a ditadura. A pergunta colocada repetidas vezes pela escritora ao longo de seus ensaios é: como pertencer a nações que se apropriam da língua para perpetuar opressões contra determinados grupos sociais?

Quando escrevemos sobre sujeitos que, como Müller, duvidam da possibilidade de pertencer a lugares, somos convidados a duvidar de valores e conceitos que menosprezam os deslocamentos que fazem parte da trajetória do migrante. Também somos convidados a ter um cuidado no manuseio com a linguagem que utilizamos ao narrar as experiências passadas desses indivíduos: como assinala Müller, seu trânsito entre países a faz perceber como a língua deve ser

---

<sup>6</sup> De acordo com Müller, no ensaio “Aqui na Alemanha”, o regime romeno denominava as diversas minorias populacionais (como os alemães, sérvios e húngaros) que habitavam o país de “nacionalidades coabitantes”, enxergando-as com desconfiança. Homogeneidade e unidade nacional eram as palavras de ordem sob o regime de Ceausescu. (MÜLLER, 2013)

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

16

empregada de um modo minucioso, capaz de irritar aqueles que estão no poder e cometem abusos em nome de uma pretendida unidade nacional.

De acordo com o historiador e crítico literário Tzvetan Todorov, a mudança de pátria não precisa ser encarada como uma separação irreparável. Apesar de ser uma perda muitas vezes desorientadora, o exílio pode ser tanto uma chance para questionarmos os valores que consideramos inabaláveis quanto para praticar a tolerância ao não permanecermos “trancados” em nossa língua e idioma natais. Assim, ser arrancado do convívio daqueles que amamos pode significar a reavaliação de comportamentos e atitudes que antes pareciam as únicas possíveis. (TODOROV,1999)

Dessa forma, pensando na elaboração de nossas pesquisas a partir das inquietações propostas por Herta Müller, encaro os deslocamentos geográficos como inspiração para questionarmos análises monolíticas, que desconsideram tanto o emprego cuidadoso da linguagem quanto o contínuo processo da construção da identidade vivenciada pelos sujeitos que estudamos.

Encerro a viagem percorrida nestas páginas com uma afirmação feita por Müller, que sintetiza as considerações aqui feitas. Segundo a escritora, não pertencer a lugares não precisa ser uma fatalidade, já que não somos feitos de materiais sólidos como a pedra ou madeira, que nos fixariam de modo definitivo no lugar onde nascemos. Sua afirmação deixa entrever que a sensação de não pertencimento não é uma “desgraça”, mas pode ser uma oportunidade para transitar entre culturas e criar narrativas questionadoras dos maus feitos do poder:

Nos lugares em que me encontro, não posso ser de todo estranha. Também não estranha em todas as coisas ao mesmo tempo. Sou estranha, como outros também, em certas coisas. Não se pode pertencer a lugares. Não se pode estar “em casa” na pedra, na madeira, no que quer que seja- pois não somos feitos de pedra ou de madeira. Se isso é uma desgraça, então ser estranha é uma desgraça. Senão não. (MÜLLER apud BLUME, 2010)

## **Textos de de Herta Müller citados:**

MÜLLER Herta. Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Globo, 2012, p.95-107.

\_\_\_\_\_. Em cada língua estão fincados outros olhos. In: *O rei se inclina e mata*. Tradução de Rosvitha Friesen Blume. São Paulo: Globo, 2013, p. p.41-76.

\_\_\_\_\_. Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos. In: *O rei se inclina e mata*. Tradução de Rosvitha Friesen Blume. São Paulo: Globo, 2013, p. 79-108.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

17

\_\_\_\_\_. *Minha pátria era um caroço de maçã*. Tradução de Silvia Bittencourt. São Paulo: Globo, Edição do Kindle, 2019.

## Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A singularidade: uma construção nos andaimes pingentes da teoria histórica. In: \_\_\_\_\_. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru:Edusc, 2007.

BLUME, Rosvitha Friesen. Herta Müller e o ensaísmo autobiográfico na literatura contemporânea em língua alemã. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 21, n. 16, jun. 2013.

\_\_\_\_\_. Traços migratórios e tradução cultural na obra ensaística de Herta Müller e Yoko Tawada. *Itinerários*, Araraquara, n.38, jan.-jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Deslocamentos e exílios múltiplos em Herta Müller: confluências entre vida e obra. Disponível em: [www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278106743\\_ARQUIVO\\_FazendoGenero9-Rosvitha.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278106743_ARQUIVO_FazendoGenero9-Rosvitha.pdf). Acesso em 02 de abril de 2021.

COOPER, Thomas. Bewteen Myths of Belonging. In: NEUBAUER, John; TÖRÖK, Borbála Zsuzsanna (orgs.). *The Exile and Return of Writers from East-Central Europe*. A Compendium. De Gruyter: 2009.

GLAJAR, Valentina. Banat-Swabian, Romanian and German: conflicting identities in Herta Müller's *Herztier*. *Monatshefte*, v.89, n.4, 1997.

HÎNCU, Adela-Gabriela. *Children of the cultural Revolution "Gone Ashtray"*: the forlorn 1970s Generation of German Writers from Socialist Romania. Mestrado em Artes. Universidade de Budapeste, 2013.

TODOROV, Tzvetan. O homem desenraizado. Rio de Janeiro: Record, 1999.

WECKER, Miriam Inês. *Ser estrangeiro é uma arte para Yoko Tawada e Herta Müller*: a escrita des-locada na literatura alemã contemporânea. Mestrado em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.